

MEMÓRIA, CIDADE E CULTURA MATERIAL: LEITURAS ARQUEOLÓGICAS DA ANTIGA CUIABÁ

MEMORY, CITY AND MATERIAL CULTURE: ARCHAEOLOGICAL READINGS OF ANCIENT
CUIABÁ

Dra. Lúcia Helena Gaeta Aleixo¹

RESUMO

A arqueologia urbana é fundamental para os estudos das antigas cidades, resultado da ocupação durante e pós-colonial, pois espaços urbanos foram efetivamente construídos, ocupados e vividos. Ao revelar estruturas arquitetônicas, objetos do cotidiano e marcas de uso do solo, ela amplia e problematiza as informações presentes na documentação escrita. No caso da Vila Real Senhor Bom Jesus de Cuiabá, a arqueologia urbana possibilita identificar dinâmicas sociais, práticas econômicas ligadas à mineração, formas de habitação e experiências de diferentes grupos — colonizadores, indígenas, africanos e seus descendentes — contribuindo para uma leitura mais complexa e crítica da formação urbana no contexto mato-grossense.

Palavras-chave: Arqueologia Urbana; Cultura Material; Espaço Urbano.

ABSTRACT

Urban archaeology constitutes a fundamental field for the study of ancient cities shaped by colonial and post-colonial occupation processes, as it enables an understanding of how urban spaces were effectively built, occupied, and experienced over time. Through the identification of architectural structures, material remains of everyday life, and traces of land use, it expands and problematizes the information contained in written documentation, offering new perspectives for historical interpretation. In the context of the Vila Real Senhor Bom Jesus de Cuiabá, urban archaeology makes it possible to identify social dynamics, economic practices linked to mining activities, forms of habitation, and the experiences of different social groups — colonizers, Indigenous peoples, Africans, and their descendants — thus contributing to a more complex, critical, and plural understanding of urban formation in the colonial context of Mato Grosso.

Keywords: Urban Archaeology; Material Culture; Urban Space.

¹ Doutora pela USP, professora do UNIVAG.

INTRODUÇÃO

A arqueologia urbana é um campo de estudo que aborda as sociedades humanas buscando compreendê-las a partir dos vestígios colhidos em decorrência decorrentes da ocupação humana em determinados territórios. Este estudo se justifica pela necessidade de conhecermos as cidades e sua complexa construção histórica, considerando seu uso ao longo do tempo, em que camadas de resíduos humanos considerados vestígios materiais fizeram parte de sua construção e perenidade.

Convém lembrar que a arqueologia urbana se dedica ao estudo de ambientes dinâmicos, constantemente transformados ao longo da trajetória histórica de uma cidade, onde o processo de urbanização ocorreu de forma contínua. Nesse contexto, inúmeros vestígios acabam soterrados pelas sucessivas intervenções urbanas, mas, ao mesmo tempo, preservam importantes artefatos que ensejam compreender as dinâmicas do cotidiano e das práticas sociais anteriormente existentes naquele espaço.

Leva em conta as estruturas arquitetônicas, fundações, muros, ruas, sistemas de abastecimento de água e drenagem, espaços estes que foram sendo soterrados em diferentes temporalidades. Além disso, há presença de objetos pertencentes ao cotidiano da população que ali habitava, expondo sua vida, seus hábitos enfim, objetos materiais que sem dúvida são responsáveis por representar a história de um determinado local.

O propósito deste texto é demonstrar quanto a arqueologia urbana contribui para os estudos das sociedades humanas, uma vez que as continuas ocupações de seres humanos em determinados sítios produziram transformações resultantes das práticas sociais cotidianas, fazendo com que a arqueologia urbana se apresente como valioso instrumento de estudo. Assim, tais vestígios são uma fonte histórica importante para a compreensão e reconstrução de experiências silenciadas pelo tempo, incluindo, por vezes, os grupos historicamente marginalizados, tais como negros escravizados, indígenas, libertos e de mulheres pobres que acompanharam o ritmo da colonização.

A arqueologia urbana é uma grande aliada dos debates historiográficos sobre memória, poder e patrimônio. Como bem explicita LE GOFF (1990), os achados históricos sobre formação urbana permitem uma leitura mais crítica sobre o passado construído pelos habitantes, conquistadores e aventureiros.

Podemos afirmar que a arqueologia consegue produzir um diálogo com a Antropologia, bem assim com a Histórica Cultural e Social, abrindo espaço para desvelar novas práticas e experiências do dia a dia o que favorece o diálogo com outras áreas do conhecimento, a evidenciar a pluralidade de experiências históricas como observaram FUNARI e ORSER JR. (2013). Deste modo, a arqueologia contribui para a historiografia, pois reconhece o espaço urbano como um produto social, e a materialidade como uma linguagem histórica. Sendo assim, os pesquisadores conseguem formular as interpretações sobre conflitos, desigualdades e, por acréscimo, sobre o silêncio dos grupos marginais, franqueando a compreensão crítica do passado e do legado destas populações.

Dada a importância da arqueologia urbana, entendemos que ela serve como instrumento analítico e crítico responsável por produzir uma nova leitura sobre a origem e formação das cidades, mais ainda reforçando as relações sociais que nela desenvolveram, sendo fundamental para o estudo das cidades coloniais brasileiras. Ao cruzarmos os indicadores da cultura material, bem como o espaço, e a memória por ela fornecidos, os pesquisadores tem a possibilidade de construir uma narrativa histórica mais plural e inclusiva.

Destaco que, nem sempre, as práticas sociais prescritas pelas autoridades coloniais coincidiam com a realidade. Assim, as interpretações históricas sobre a formação das cidades coloniais se tornam mais objetivas diante das evidências arqueológicas. Basta lembrarmos que a arqueologia urbana tem concorrido para os debates sobre memória e patrimônio, evidenciado que a memória urbana não se limita aos vestígios dos monumentos oficiais, mas igualmente aos vestígios ordinários do cotidiano das vilas e cidades, favorecendo a interpretação do passado urbano, como pontuou LE GOFF, 1990. No que toca aos vestígios sirva isto de exemplo:

.... ocupação holandesa (1630–1654) representou um marco na transformação urbana e institucional da localidade. Sob o governo de Johan Maurits van Nassau (1637–1644), implementou-se um ambicioso programa de obras públicas, incluindo canais, pontes, diques e edificações, além de um plano urbanístico regular que deu origem à denominada Cidade Maurícia. Essas intervenções modernizaram a infraestrutura e conferiram ao Recife um perfil urbano distinto no contexto colonial. (ALEIXO, Revista ConnctiOnline N.34, p.3).

Em acréscimo, como testemunho significativo dos vestígios ordinários, encontramos, ao recuperarmos fragmentos cerâmicos do cotidiano doméstico das louças nas escavações, muitos delas associadas às tradições dos afrodescendentes e das populações indígenas. Dividiam espaço com as peças importadas, tais como faianças portuguesas e porcelanas. Estampavam convivência de padrões de consumo das diferentes classes sociais. Além disso, outros objetos demonstram a diversidade sincrética da religiosidade urbana materiais por vezes encontrados sob uma pluralidade de itens religiosos que inclui medalhas, crucifixos e amuletos.

1) Além de desvendarem as múltiplas práticas existentes fora do controle da igreja nos inclinam a reconhecer a presença de uma diversidade de crenças. Enfim, ritos espirituais praticados pelos escravos, os quais, por inúmeras vezes, foram agregados às tradições cristãs, e nem sempre contemplados nos registros oficiais. Podemos citar certas manifestações culturais e religiosas toleradas, não raro, por serem incorporadas a festividades católicas ou por demonstrarem uma "releitura" banto-católica, especialmente nas irmandades negras.

Julgamos fundamental destacar as observações realizadas por LIMA em 2006 sobre os restos alimentares. Apontamos, como exemplo, as práticas alimentares de uma dada população na qual grupos de colonizadores se apropriaram dos hábitos locais e dos recursos existentes adotando as experiências culturais dos povos indígenas e dos africanos. Sobreviviam complementando sua dieta com ingredientes presentes no ambiente natural. Em muitos casos, a arqueologia urbana revelou a existência de ossos de animais, conchas e resíduos de vegetais diferentemente dos hábitos alimentares do conquistador português, o que sinaliza a significativa adaptação dos povoadores sobre os saberes das novas áreas conquistadas. Desse modo, acabaram por construir novas estratégias para a autonomia alimentar na colônia.

Entendemos que se faz necessário articular estes vestígios aos estudos historiográficos sobre as cidades. As pesquisas sobre a morfologia urbana, seus atores, a relação de poder, a organização espacial, a presença do Estado, tudo isso deve ser articulado por meio do diálogo com as fontes documentais e as análises urbanas históricas (MARINS, 2005). A arqueologia urbana se revela, portanto, forte aliada para complementar os estudos concernentes à história das cidades no Brasil.

A VILA REAL DO SENHOR BOM JESUS DE CUIABÁ

Para melhor detalharmos os estudos sobre a importância dos estudos da arqueologia urbana, tomaremos, a título de exemplo, a cidade de Cuiabá, fundada no século XVIII, no momento em que a mineração aurífera era a grande aliada da colonização portuguesa na América.

O processo de colonização levou em linha de conta a interiorização do continente para a exploração das riquezas e fixação de população. Intuito era preservar as terras do além-mar para o reino de Portugal.

A colonização de Mato Grosso se fez a partir da descoberta do ouro responsável por uma onda migratória trazendo população diversa para a exploração deste metal precioso. Além disso, a conquista exigia a fixação da população, preservando território para o reino de Portugal. Assim, em 1719 foi fundada a cidade de Cuiabá com o nome de Vila Real Senhor Bom Jesus de Cuiabá.

O século XVIII foi muito importante para a capitania de Mato Grosso, pois a exploração aurífera propiciou a fixação de uma população diversa com hábitos e costumes, proporcionando a criação de novas Vilas e Arraiais com uma população composta por homens livres, indígenas e negros escravizados bem como de estrangeiros de diferentes nacionalidades.

A cidade de Cuiabá aos poucos foi se expandido além dos cursos d'água com ruas, e becos, casas e igrejas, edificações públicas.

Para os estudos arqueológicos, a cidade de Cuiabá representa atualmente um laboratório no qual a arqueologia urbana pode constituir relevante local para reconstituição da vida cotidiana da população que vivia neste espaço. Em 1722, a descoberta de grandes jazidas de ouro de aluvião no leito do córrego da Prainha impulsionou o povoamento definitivo da região. Sendo assim, vestígios da ocupação e fundação desta cidade são representativos do modo de vida de seus habitantes. Ao realizarem obras neste novo século, com o intuito de alterar a mobilidade urbana, as escavações trouxeram à luz significativos vestígios arqueológicos.

Durante as prospecções arqueológicas da Avenida Tenente Coronel Duarte (Prainha), onde serão implantados os trilhos do VLT, técnicos encontraram vestígios de 10 sítios arqueológicos, que podem detalhar a história desta região, considerada o centro antigo. Ao longo dos cerca de 2 km do canal, que têm cobertura (que começa próximo ao

Hospital Ortopédico e vai até o Porto), foram identificados os sítios arqueológicos.... No local foram encontrados fragmentos de cerâmicas, louças e calçadas muito antigas. (Notícia vinculada ao Diário de Cuiabá, edição de 30/4/2013).

O período colonial agregava interesses econômicos e estratégicos sem dúvida responsável por consolidar a presença da Coroa portuguesa na América.

Há de notar as especificidades da formação da pequena Vila que fora estabelecida às margens de cursos d'água, com grande potencialidade para a exploração mineral. Desde os anos iniciais, grande quantidade de ouro deu à Vila status de capital.

As habitações coloniais, construídas nesse contexto, apresentam, por meio de seus vestígios materiais, aspectos centrais da organização social, da vida cotidiana e das hierarquias que estruturaram o espaço urbano. Espaços ocupados por uma população que carecia de recursos externos e, portanto, se valia de materiais presentes na região para erguerem suas habitações de taipa de pilão, de adobe, de madeira, conjugadas aos demais materiais existentes na região.

O uso de técnicas e saberes construtivos europeus, indígenas e africanos davam à vila uma feição própria. Ao agregar novos conhecimentos, fazia da Vila um local representativo do momento em que estava vivendo.

A arqueologia urbana tem desvelado fundações, paredes soterradas, pisos de ladrilhos. Nas áreas de descarte materiais têm fornecido pistas para identificar técnicas e compreender as transformações sofridas ao longo de um dado período de tempo. Igualmente, de mudanças significativas no traçado das ruas, permitindo colher dados que demonstram o modo pelo qual se deu o crescimento e a expansão da vila.

Dados relevantes levantados sobre a malha urbana estão a revelar a proximidade entre os espaços públicos e privados, possibilitando notar a existência de casas térreas alinhadas às ruas com extensos quintais, locais multifuncionais, nos quais se articulavam moradia, trabalho, sociabilidade e práticas produtivas. Esta análise retrata importante fonte para a arqueologia urbana, por vezes desconsiderada pela historiografia tradicional. Revela a convivência simultânea de áreas de preparo de alimentos com a criação de animais, e hortas onde convivia o cultivo de plantas medicinais. Tais espaços traduzem fonte indispensável para estudo da vida cotidiana.

Quanto ao interior das habitações, vestígios materiais apontam para as diferenças sociais significativas. Fragmentos encontrados, tais como louças finas e importadas, vidros, metais e objetos de uso pessoal, contrastam com cerâmicas utilitárias locais e artefatos reaproveitados, indicando padrões distintos de consumo e acesso às redes comerciais coloniais. Essas diferenças pontuam a coexistência no espaço urbano, de casas pertencentes a autoridades administrativas, comerciantes e mineradores de maior prestígio, ao lado de habitações mais modestas, ocupadas por trabalhadores livres pobres, africanos escravizados, libertos e populações mestiças.

A arqueologia urbana das habitações coloniais em Cuiabá também contribui para a visibilização de sujeitos historicamente silenciados. Mulheres, especialmente negras e indígenas, desempenharam papel central na organização do espaço doméstico, no preparo dos alimentos e na manutenção da casa, atividades raramente documentadas em fontes escritas oficiais. Os vestígios arqueológicos — como utensílios culinários, fogões, estruturas anexas e áreas de trabalho doméstico — permitem reconstruir essas práticas e compreender as relações de gênero e etnia que atravessavam o cotidiano urbano colonial.

Convém enfatizar que, no período colonial, os quintais desempenhavam papel fundamental na organização da vida cotidiana, constituindo espaços de convivência, trabalho doméstico, cultivo de alimentos, criação de pequenos animais e descarte de objetos utilizados no dia a dia. Mais do que áreas anexas às residências, os quintais integravam a dinâmica econômica e social das famílias, refletindo hábitos culturais, práticas alimentares e relações sociais estabelecidas no ambiente urbano colonial.

Do ponto de vista da arqueologia urbana, esses espaços se revelam extremamente ricos em vestígios materiais, uma vez que neles eram descartados utensílios quebrados, fragmentos cerâmicos, louças, vidros, metais, restos alimentares e diversos outros artefatos. Sepultados ao longo do tempo pelas sucessivas transformações urbanas, tais materiais preservam importantes evidências de valor sobre o cotidiano da população, autorizadas a compreender aspectos relacionados ao consumo, às condições de vida, aos costumes e às formas de ocupação do espaço urbano colonial.

No contexto contemporâneo, Cuiabá sobressai como espaço urbano marcado por intensos processos de transformação, nos quais antigas habitações coloniais foram reformadas, descaracterizadas ou demolidas. A atuação da arqueologia urbana, no geral

vinculada a obras de infraestrutura e projetos de requalificação urbana, assume papel estratégico na identificação, registro e preservação desses vestígios. Nesse sentido, as casas coloniais e seus remanescentes devem ser compreendidos como parte de um patrimônio arqueológico urbano que materializa memórias, identidades e disputas em torno da história da cidade.

No final do século XIX, a cidade de Cuiabá presenciou mudanças significativas no seu modo de vida.

Com o crescimento populacional e a expansão da cidade em direção a bairros cada vez mais afastados do núcleo central, tornou-se necessária a implantação de um sistema de transporte urbano cuja relevância histórica não pode ser esquecida. Nesse contexto, a criação da Companhia Progresso Cuiabano se destacou como uma das mais decisivas iniciativas de modernização urbana de Cuiabá entre o final do século XIX e início do século XX. Vinculada ao ideário republicano, a empresa integrava o projeto cujos objetivos era o de transformar a capital mato-grossense em uma cidade alinhada à concepção de progresso, mobilidade e urbanidade difundidos no Brasil naquele período. Sua atuação foi fundamental para a população, ao introduzir o primeiro sistema organizado de transporte coletivo urbano, contribuindo significativamente para ampliação e integração da área urbana da capital.

Assim, a companhia surgia por volta de 1889–1891, período marcado pela Proclamação da República e por intensas transformações urbanas em diversas cidades brasileiras.

Em Cuiabá, a elite política e econômica buscava implementar melhoramentos urbanos que demonstrassem modernidade e civilização. Neste intento, modernizar o meio de mobilidade urbana é sem dúvida, significado vital para alcançar este objetivo. Desta maneira foi introduzido um novo sistema de mobilidade urbana na Capital de Mato Grosso, os bondes, popularmente conhecidos como “bondinhos”, movidos por tração animal e circulavam sobre trilhos instalados nas principais vias urbanas da cidade. Esse sistema de transporte conectava o bairro do Porto às áreas centrais e comerciais, percorrendo importantes trechos urbanos, como as ruas Treze de Junho, Largo da Mandioca, Prainha e Porto Geral.

A Companhia Progresso Cuiabano foi a principal responsável pelo processo de modernização urbana da capital, atuando no alinhamento das ruas, na instalação da iluminação pública e na reorganização dos espaços comerciais. Essas intervenções transformaram significativamente os serviços urbanos, tornando-os mais estruturados e permanentes para a população cuiabana. Como resultado, a cidade passou a orquestrar maior sofisticação urbana, aproximando-se dos modelos europeus e das principais capitais brasileiras da época (SIQUEIRA 2002).

Para a elite cuiabana, a implantação dos bondes representava não apenas um avanço nos transportes. Representava inserção de Cuiabá no imaginário das cidades modernas e progressistas.

Este foi um exemplo de avanço no processo de construção dos ideais presentes no século XX no mundo: permitir-se comparar, mesmo que em pequena escala, com as cidades europeias, elevando Cuiabá na perspectiva de progresso.

A implantação da Companhia Progresso Cuiabano e do sistema de bondes em Cuiabá também pode ser analisada sob a perspectiva da arqueologia urbana, uma vez que o processo de modernização da cidade deixou importantes vestígios materiais na paisagem urbana. A arqueologia urbana permite compreender como as transformações ocorridas entre o final do século XIX e o início do século XX modificaram os espaços de circulação, sociabilidade e organização da capital mato-grossense (CORREA FILHO, 2003).

Os trilhos dos bondes, o alinhamento das ruas, as intervenções no Porto Geral, os sistemas de iluminação pública e as adaptações da malha urbana constituem evidências materiais de um projeto de modernidade implementado pelas elites republicanas. Esses elementos, ainda que muitas vezes desaparecidos fisicamente, permanecem registrados em documentos, fotografias, mapas e em fragmentos preservados no espaço urbano, tornando-se, fontes importantes para a arqueologia urbana e para a reconstrução da memória da cidade.

A partir dessa perspectiva, a cidade pode ser compreendida como espaço de múltiplas temporalidades, no qual as marcas da modernização convivem com vestígios coloniais e com transformações contemporâneas. O estudo da Companhia Progresso Cuiabano, portanto, ultrapassa a análise do transporte coletivo e passa a revelar as dinâmicas sociais, econômicas e simbólicas envolvidas na construção de uma Cuiabá moderna.

A experiência também estampa as contradições do processo de modernização em regiões afastadas dos grandes centros econômicos do País.

Desse modo, o estudo arqueológico da cidade de Cuiabá evidencia como o espaço doméstico e mesmo os espaços públicos constituem uma chave interpretativa fundamental para a compreensão da formação urbana mato-grossense. Ao articular cultura material, organização espacial e práticas sociais, a arqueologia urbana amplia o entendimento sobre o passado contribuindo para a construção de narrativas mais inclusivas e complexas sobre a cidade.

As evidências reveladas por vestígios arqueológicos provenientes de escavações realizadas em diferentes áreas da cidade, especialmente no Centro Histórico, dão a conhecer aspectos da formação urbana e social de Cuiabá. Nessas pesquisas, foram identificados cerca de dois mil artefatos datados dos séculos XVIII e XIX, entre eles fragmentos de cerâmicas e louças, moedas, botões de osso, cachimbos, contas de colares, ferramentas e restos ósseos. Em suma, material que ajuda a compreender o cotidiano e a evolução urbana da cidade.

Os achados arqueológicos apontam clara divisão social marcada pela própria organização espacial urbana. Em determinadas áreas, foram encontrados objetos de luxo e materiais importados, indicando a presença de grupos pertencentes à elite local. Em contrapartida, nas proximidades da Igreja do Rosário — espaço historicamente associado à população negra liberta — emergiram cerâmicas locais com características vinculadas às tradições técnicas indígenas e africanas, a revelar a diversidade cultural e social presente na formação histórica cuiabana. (JORNAL PRIMEIRA PÁGINA- 24-2-2026).

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A arqueologia urbana, ao voltar-se para os espaços de formação e consolidação das cidades coloniais, patenteia instrumento analítico indispensável para a compreensão das múltiplas camadas que constituem a experiência histórica. No caso da cidade de Cuiabá, fundada no contexto da expansão mineradora do século XVIII, a investigação arqueológica permite ultrapassar os limites da documentação escrita — frequentemente marcada por silêncios e perspectivas oficiais — e acessar dimensões concretas da vida cotidiana, das práticas produtivas e das dinâmicas sociais que estruturaram o espaço urbano.

A materialidade demonstrada nas escavações, tais como vestígios arquitetônicos remanescentes - cerâmicas, utensílios domésticos, objetos de devoção, resíduos alimentares e estruturas de habitação - mostra a cidade não apenas como palco da administração colonial e da exploração aurífera, mas como espaço vivido, negociado e transformado por diferentes sujeitos históricos: indígenas, africanos escravizados, libertos, mulheres, trabalhadores pobres e agentes da Coroa que participaram ativamente da construção material e simbólica da Vila e, posteriormente, da própria cidade de Cuiabá, ainda que nem sempre apareçam com centralidade nas fontes oficiais.

Ao articular materialidade, espacialidade e práticas sociais, a arqueologia urbana permite reinterpretar a própria configuração da cidade de Cuiabá, demonstrando que o traçado urbano, as áreas de moradia, somados aos espaços religiosos e as zonas produtivas refletem hierarquias sociais, estratégias de controle e também formas de resistência e adaptação. As estruturas remanescentes e os artefatos encontrados revelam, por exemplo, padrões de consumo diferenciados, redes de circulação de mercadorias, práticas alimentares híbridas e modos de habitar que apresentam a convivência — muitas vezes tensa — de diferentes matrizes culturais.

Assim, o estudo arqueológico da cidade de Cuiabá contribui para a construção de uma narrativa mais complexa e inclusiva sobre diferentes períodos históricos. Ele desloca o foco exclusivo das autoridades e das grandes estruturas político-econômicas para incorporar a experiência cotidiana e a agência de sujeitos historicamente invisibilizados.

Dessa maneira, a arqueologia urbana não se limita a complementar a historiografia, mas também a problematiza e expande, evidenciando que o passado das cidades brasileiras permanece registrado tanto na documentação escrita quanto nos vestígios preservados no solo urbano.

Dessa maneira, a arqueologia urbana não se limita a complementar a historiografia, mas também a problematiza e expande, evidenciando que o passado das cidades brasileiras permanece registrado tanto na documentação escrita quanto nos vestígios preservados no solo urbano.

Importante destacar que novos estudos arqueológicos deveriam ser levados em conta para investigar uma das áreas mais significativas da vida econômica da cidade de Cuiabá, área do Porto banhada pelo rio Cuiabá, por onde grande parte da movimentação da economia e de transporte de produtos e de pessoas era realizada unicamente por via fluvial. (CAMARGO, 2017).

Diversos indícios históricos e arqueológicos direcionam para essa possibilidade, especialmente em áreas antigas de porto e atracação ligadas ao processo de ocupação urbana de Cuiabá.

Pesquisas arqueológicas, realizadas nas proximidades da antiga região portuária e da Casa Dom Aquino, identificaram numerosos vestígios soterrados, como fragmentos de cerâmica, louças, vidros e outros materiais relacionados ao cotidiano urbano e às atividades comerciais desenvolvidas às margens do rio.

Historicamente, o Rio Cuiabá desempenhou papel central no transporte fluvial, no abastecimento e na circulação de pessoas e mercadorias desde o período colonial até o início do século XX. Há registros de intensa movimentação de canoas, batelões, vapores e pequenas embarcações utilizadas no comércio regional e na ligação com outras localidades da bacia do Paraguai.

No início do século XX, o porto de Cuiabá mantinha intensa atividade fluvial, sendo o principal elo de comunicação e abastecimento da capital mato-grossense com outras regiões do País e com a Bacia do Prata. Diversas fontes históricas mencionam a

presença de vapores, lanchas, chatas e pequenas embarcações que realizavam transporte de passageiros, mercadorias e correspondências pelo rio Cuiabá.

Na obra História de Mato Grosso, seu autor, Virgílio Corrêa Filho, menciona a importância da navegação fluvial pelo rio Cuiabá e sua conexão com os países vizinhos da Bacia do Prata, especialmente Paraguai, Argentina e Uruguai. O autor destaca que, após a abertura da navegação do rio Paraguai no período posterior à Guerra da Tríplice Aliança, Mato Grosso passou a manter comunicação mais intensa com os portos platinos, sobretudo por meio da rota fluvial Cuiabá–Corumbá–Montevideu.

Virgílio Corrêa Filho ressalta ainda que o rio Cuiabá integrava uma extensa rede hidrográfica composta pelos rios São Lourenço, Paraguai e Paraná, permitindo que embarcações a vapor transportassem passageiros, produtos comerciais e correspondências entre Cuiabá e cidades ligadas ao estuário do Prata. Segundo o autor, essa navegação favoreceu a entrada de produtos importados, novas técnicas construtivas, bens de consumo e influências culturais provenientes dos países vizinhos.

A obra também assinala a atuação das companhias de navegação e dos vapores que percorriam regularmente o trajeto até Cuiabá, contribuindo para a integração econômica da província com o comércio internacional. Nesse contexto, o Porto Geral de Cuiabá se consolidou como espaço estratégico de circulação mercantil e sociabilidade urbana.

Entre as embarcações frequentemente mencionadas na documentação histórica destacavam-se os vapores Marquês de Olinda, Conselheiro Paranhos, Jauru, Cuiabá e, posteriormente, o Iguatemy, responsáveis pela navegação regular entre Corumbá e Cuiabá.

Após a Guerra do Paraguai, o Porto Geral de Cuiabá se definiu como respeitado eixo de circulação fluvial, recebendo embarcações oriundas de Montevideu, Corumbá e de outros portos integrados ao sistema hidroviário Paraguai–Prata, evidenciando a relevância do transporte fluvial para a comunicação e o abastecimento regional.

Os estudos sobre a navegação fluvial em Mato Grosso apontam que as embarcações desempenharam papel fundamental na integração econômica regional,

assegurando o transporte de mercadorias como açúcar, borracha, poaia, algodão e gêneros alimentícios, além da circulação de passageiros, trabalhadores e imigrantes.

Nesse contexto, é plausível supor que estruturas náuticas, trapiches ou até restos de embarcações possam permanecer soterrados sob camadas sedimentares nas margens do rio, sobretudo em áreas do antigo porto. A arqueologia urbana e a arqueologia subaquática frequentemente identificam esse tipo de vestígio em cidades históricas formadas junto a cursos d'água, especialmente em locais sujeitos a sucessivos aterros e transformações urbanas (CAMARGO, 2017).

Além disso, as constantes intervenções urbanas no centro histórico de Cuiabá já revelaram a presença de importantes camadas arqueológicas preservadas no subsolo, indicando que muitos elementos materiais do passado permanecem encobertos pelas transformações da cidade.

Sendo assim, a arqueologia urbana se inscreve como essencial para compreender a formação histórica da antiga Cuiabá, permitindo interpretar não apenas as transformações do espaço urbano, bem assim, as experiências sociais, culturais e econômicas que marcaram a cidade ao longo do tempo.

Os vestígios materiais preservados no subsolo urbano constituem importantes testemunhos da convivência entre diferentes grupos sociais e étnicos, evidenciando relações de poder, práticas cotidianas, modos de vida e processos de exclusão e resistência. Nesse sentido, cidade, memória e cultura material se articulam como elementos indispensáveis para a preservação do patrimônio histórico e para a construção de uma leitura mais crítica, plural e sensível sobre o passado cuiabano e sua permanência na paisagem urbana contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial (1500–1800)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- ALEIXO, Lucia Helena Gaeta. **Mato Grosso: Trabalho Livre e Trabalho Escravo (1850-1888)** – Brasília: Ministério da Fazenda, Departamento de Administração, Divisão de Documentação, 1984.
- _____, **Vozes no Silêncio: subordinação, resistência e trabalho em Mato Grosso** (1888,1930) Cuiabá, Editora da UFMT, 1995
- _____, **Meio Ambiente e Colonização de Mato Grosso**. In Caderno de Publicações, Univag, Ambiente e Sociedade. Univag- Ano I n.I Várzea Grande, 2003 pp 21/34.
- ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. **Cidade, memória e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.
- ARRUDA, José Jobson de Andrade. **O Brasil no comércio colonial**. São Paulo: Ática, 1980.
- BEAUDRY, Mary C.; COOK, Lane J.; MROZOWSKI, Stephen A. **Artifacts and active voices: material culture associal discourse**. In: BEAUDRY, Mary C. (org.). *Artifacts and active voices*. Nova York: Plenum Press, 1991. p. 1–20.
- CAMARGO Paulo F. Bava de,
- **Arqueologia portuária em Sergipe: teoria e metodologia vestígios**, In. Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica Volume 11 | Número 2 | Julho – Dezembro 2017.
- CARANDINI, Andrea. **A cidade e o território na Antiguidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHILDE, V. Gordon. **The urban revolution**. *The Town Planning Review*, Liverpool, v. 21, n. 1, p. 3–17, 1950.
- COSTA, Luís Carlos da. **Cuiabá: história e urbanização (1727–1820)**. Cuiabá: EdUFMT, 2005.
- CORREA FILHO, Virgílio Monografias Cuiabanas. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2003.
- FARIA, Sheila de Castro. **A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- FONSECA, Cláudia Damasceno. **Arraiais e vilas d’el-rei: espaço urbano e poder nas Minas setecentistas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. (*Referência central para pensar cidades coloniais como construção social — extremamente útil como paralelo analítico*)
- FUNARI, Pedro Paulo A. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2012.
- FUNARI, Pedro Paulo A.; ORSER JR., Charles E. **Arqueologia da escravidão e da liberdade**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- FUNARI, Pedro Paulo A.; POLONI, Rita. **Arqueologia urbana: trajetória e perspectivas**. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. 204, p. 11–27, 2014.
- GOMES, Ângela de Castro (org.). **Cidades, sociabilidades e cultura política no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

- LIMA, Tânia Andrade. **Arqueologia histórica no Brasil: balanço e perspectivas**. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 8, 1998.
- MOTT, Luiz. **Cotidiano e vivência religiosa: entre a ordem e a transgressão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- PRIORE, Mary del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. (*Fundamental para articular gênero, cotidiano e espaços urbanos coloniais*)
- PÓVOAS, Lenine de Campos. **História Geral de Mato Grosso**, Cuiabá: Resenha Tributária, 1982.
- RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Archaeology: theories, methods and practice**. 7. ed. London: Thames & Hudson, 2016.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SCHOFIELD, John; CHEN, Shu-hua; NAZAROFF, Adam (orgs.). **Urban archaeology: a global perspective**. New York: Springer, 2012.
- SILVA, Jovam Vilela da. **Cuiabá no século XVIII: sociedade, poder e cotidiano**. Cuiabá: EdUFMT, 2010.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **Um Olhar sobre Cuiabá**. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.
- SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SOUZA, Laura de Mello e. **Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII**. Rio de Janeiro: Graal, 1982. (*Aporta leitura essencial sobre marginalidade e cotidiano colonial, aplicável ao contexto urbano*)
- SOUZA, Sheila Maria Ferraz Mendonça de. **Arqueologia urbana: teoria e método**. São Paulo: Annablume, 2010.
- STASKI, Edward. **Living in cities: urban archaeology and the study of everyday life**. *Historical Archaeology*, v. 28, n. 1, p. 1–10, 1994.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. **Arqueologia histórica no Brasil**. *Revista de Arqueologia*, v. 22, n. 2, p. 63–80, 2009.
- TRIGGER, Bruce G. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004.
- SILVA, Jovam Vilela da. **História de Cuiabá: vida urbana e cotidiano no período colonial**. Cuiabá: EdUFMT, 2002
- VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **Cuiabá: história e urbanização**. Cuiabá: EdUFMT, 1993.
- Artigo vinculado no periódico eletrônico Primeira Página de 24/2/2026 Capital de Mato Grosso — aborda o processo de modernização urbana, imprensa e transformações da cidade no final do século XIX.

NOTA :A noção de cidade como *palimpsesto histórico* refere-se à sobreposição de diferentes tempos históricos em um mesmo espaço urbano (CARANDINI, 2010).

